

EU E A TÍSICA

Releitura dos sintomas e sinais da tuberculose na poesia de
Augusto dos Anjos

Edgard Steffen*

A tuberculose pulmonar faz parte da história do homem desde a antiguidade; lesões do Mal de Pott já foram encontradas em fósseis de hominídeos e cavernas tuberculosas puderam ser vistas em múmias do Antigo Egito. Acompanhou o homem em sua história, tanto na guerra quanto na paz, no recesso do lar ou na vida boêmia, não respeitando idade, sexo, idioma, crenças ou geografia. Frustrou a previsão dos epidemiologistas da OMS que projetaram seu desaparecimento para o ano 2005. Em vez de extinção, sua incidência tem aumentado, principalmente com o advento da AIDS e com a iniquidade da distribuição de renda no neoliberalismo globalizado. Vaticinada prestes a desaparecer, acabou incluída entre as doenças reemergentes no fim do século XX.

Cantada em prosa e verso, principalmente pela escola romântica, matou e continua matando nos quatro continentes. Adoece e mata reis (como nosso D. Pedro I), humildes moradores de rua, poetas (como nosso Castro Alves), guerreiros (como Alexandre o Grande - único conquistador bem sucedido no Afeganistão), figuras de ficção inspirada em personagens reais (como a Dama das Camélias e Pocahontas). Na literatura brasileira, Manuel Bandeira, Álvares de Azevedo, Noel Rosa, entre outros, foram tuberculosos e cantaram a tísica como tema em sua lira.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos não teria sido exceção. No verbete correspondente da Enciclopédia Delta Larousse, informa-se que o poeta, acometido de tuberculose, mudou-se para Leopoldina, onde foi nomeado promotor público, professor e Diretor da Instrução Municipal. Esta data (1913) corresponde a um ano após a edição de seu único livro: "Eu". Após sua morte, seus amigos e editores acrescentaram outras poesias, achadas em jornais, revista e entre os papéis de Augusto.

Horácio de Almeida relata: "...*tinha-se na conta de um doente, condenado a expectorar os pulmões dilacerados. Há, contudo, no caso, um*

cuidado muito discreto da família em negar a tuberculose, que o próprio poeta confessava". Recentemente, um site da internet afirma que Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos faleceu de pneumonia dupla, após curto período - 10 dias de doença. Pode ser doença mortal, mas pode gastar mais tempo para levar o paciente ao óbito. Um tuberculoso pode sucumbir a outro evento que lhe antecipe o fim. Segundo o professor José Rosemberg, o poeta morreu de broncopneumonia caseosa, patologia que costuma apressar a morte desses pacientes. Entretanto, em que pese uma sombra de dúvida sobre a etiologia da pneumopatia terminal, ninguém melhor que Augusto dos Anjos soube desenhar a clínica da doença produzida pelo Bacilo de Koch, num contexto poético, como aparece em sua única e solitária obra.

Nobre de Melo, em psicanálise de Augusto e sua obra poética, relata que ele era longilíneo astênico, tipo morfológico propício à tuberculose pulmonar e à esquizofrenia. Para aquele ilustre psiquiatra, o poeta era tísico e de temperamento esquizóide. Em brilhante argumentação, o poeta relaciona o sofrimento físico do poeta à tuberculose pulmonar e, ao temperamento esquizóide, a peculiaridade de sua poesia, "profundissimamente hipocondríaca", sem escola literária definida, em plena época do Parnasianismo.

Li "Eu e Outras Poesias" durante a adolescência. Hoje, médico e interessado em Saúde Pública, resolvi reler o poeta para entender suas referências à doença.

No dizer de Orris Soares (Elogio de Augusto dos Anjos) o livro "*é um monossílabo que fala. (...) O Eu é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida (...). Analisem-lhe as poesias, e em todas, como uma lâmina de aço polido encontrarão a imagem do trágico poeta*".

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v4, n. 1-2, p. 83-88, 2002

* Professor Assistente do Depto. de Morfologia CCMB/PUC-SP.

Pensando nisso, reli praticamente toda a poesia de Augusto, procurando rastrear sintomas e sinais da tísica nos seus poemas, sonetos, estrofes e versos. Fique bem claro que não procurarei relacionar a seqüência cronológica da poesia à seqüência fisiopatológica da tuberculose; a doença do poeta paraibano teria se instalado quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro (1912) e os sintomas e sinais que garimpei nos poemas, já aparecem muito antes desse período. Sempre que possível, nas citações, procurarei colocar o ano da publicação, baseando-me num excelente trabalho de Zenir Campos Reis.

Manifestações principais, a febre, a tosse, os suores noturnos e o emagrecimento constituem sintomas e sinais sempre presentes nas formas clássicas da doença.

Vamos começar pela primeira.

Febre aparece pouco na poesia de Augusto dos Anjos.

*Diabo! Não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha fonte com vinagre*
(in Tristezas de um quarto minguante, 1907)

O sinal febre e sua companheira cefaléia eram tratados, no interior do Brasil, com panos molhados por mistura de água fria e vinagre ou álcool. Os dois últimos versos sugerem o aumento de temperatura corpórea. O mesmo pode-se dizer em "O Canto da Agonia" (1905), nos versos:

" - Calor que hoje me alenta e há de matar-me em breve".

Num soneto de amor, sentimento raro na poesia de Augusto dos Anjos, na última estrofe aparece o sintoma, ainda que a intenção não seja descrever uma doença:

*E estavas morta, eu vi, eu que te almejo,
Sombra de gelo que me apaga a febre,
Lua que esfria o sol do meu desejo!*
(Coração Frio, 1902)

A tosse é sintoma importante. Em saúde pública, procuramos encontrar os doentes de tuberculose entre os sintomáticos respiratórios, isto é, indivíduos que apresentam tosse por mais de três ou quatro semanas. A tosse é muito presente na lira augustiana:

*"Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minh'alma!"*
(As Cismas do Destino, 1908)

*E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.*
(Idem)

*Não, não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!*
(Idem)

*Era antes uma tosse ubíqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do estrondo
Pelos fundibulários da montanha!*
(Idem)

*Da degenerescência ética do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.*
(Os doentes, 1912)

Quer como expressão da inflamação brônquica ou esvaziamento do caseo das lesões e dos granulomas, a expectoração aparece quase sempre nos casos de tuberculose pulmonar. Na poesia de Augusto dos Anjos, sua freqüência é bem menor, mas causa impacto - um misto de nojo e beleza - sem perder a métrica, o ritmo, a clareza da idéia que o poeta quer transmitir.

*Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia nesse escarro
Que em toda a moral do Cristianismo!*
(As Cismas do Destino, 1908)

*Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência*
(Os doentes, 1912)

Sem estar ligado à doença, mas dentro do mais conhecido soneto de Augusto, a expectoração aparece em:

*Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga
Escarra nessa boca que te beija!*
(Versos Íntimos, 1906)

Sudorese acompanha a febre, a tosse e o

emagrecimento; suores noturnos costumam empapar as camisolas ou pijamas dos tísicos. Augusto dos Anjos descreve:

*E, hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,
Vendo passar as túnicas obscuras...*
(Os doentes, 1912)

*A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!*
(Tristezas de um quarto minguante, 1907)

Doença consumptiva, a tuberculose devora as carnes de seus doentes e os leva ao estado de pelo e osso, que os médicos chamam caquexia e que o poeta descreve "*levando apenas na tumbal carcaça, o pergaminho singular da pele e o chocalho fatídico dos ossos*" (Solitário, 1905); é a desnutrição que mina as resistências, torna o indivíduo mais susceptível ao agravamento da infecção microbacteriana e, num círculo vicioso, a doença agrava a subnutrição. Augusto dos Anjos era magro - "*Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética - faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada* ", relatava Orris Soares na abertura de uma das edições do "Eu e Outras Poesias" (1918) - e a magreza costuma ser freqüente na poesia do vale paraibano. Vale lembrar o biótipo do poeta, semelhante ao de seu pai e seu irmão, era típico do hábito longilíneo astênico; tipo morfológico de indivíduo alto e magro, independente de estar com doença crônica, consumptiva.

*Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à Casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!*
(As Cismas do Destino, 1908)

*Essa desilusão que me acabrunha
É mais traidora do que foi Pilatos!...
Por causa disso eu vivo pelos matos,
Magro, roendo a substância córnea da unha.*
(Gemidos de Arte, 1907)

*Agora, astro decrépito, em destroços,
Eu, desgraçadamente magro, a erguer-me,
Tinha necessidade de esconder-me
Longe da espécie humana, com meus ossos!*
(Viagem de um Vencido, 1914)

*Branda, entanto, a afagar tantas feridas,
A áurea mão taumatúrgica do Amor
Traça, nas minhas formas carcomidas,
A estrutura de um mundo superior!*
(Anseio, 1902)

*"Quando eu pego nas carnes do meu rosto
Pressinto o fim da orgânica batalha"*
(Apóstrofe à Carne, 1914)

A desnutrição do tísico é predominantemente protéico-calórica, porém a anemia, quer pós-hemorrágica quer ferropriva, pode fazer parte do quadro. Não fosse pelo trágico, seria deliciosa a expressão do poeta:

*Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Que eu me furei com um canivete
A hemoglobina vinha cheia d'água!*
(As Cismas do Destino, 1908)

A clorose, um dos sinônimos da anemia, também aparece no soneto "Noli me Tangere" (1914):

*Ai! Não toqueis em minhas faces verdes,
Sob pena, homens felizes, de sofrerdes
A sensação de todas as misérias!*

Agravando ainda mais o quadro da desnutrição, a anorexia é sintoma constante na tísica. Um dos primeiros e principais efeitos da Hidrazida do Ácido Isonicotínico é a melhora do apetite e conseqüente ganho ponderal do tuberculoso. Mesmo antes de existirem drogas tuberculostáticas, quando se tratava a peste branca com as mais estapafúrdias terapêuticas (permitam-me, meus leitores, recomendar-lhes a leitura do delicioso artigo do Prof. Rosemberg, intitulado: "*Tratamento da Tuberculose quando não havia tratamento*"), os médicos sabiam que o doente estava melhorando quando comia melhor e ganhava peso.

A falta de apetite aparecia na poesia do EU:

*Cedo à sofreguidão de meu estômago. É a hora
De comer. Coisa hedionda!...*
(Á Mesa, 1914)

*Sem que te arranquem da garganta queda
A interjeição danada dos protestos,
Hás de engolir, igual aos porcos, os restos
Duma comida horrivelmente azeda!*
(A um Mascarado, 1909)

Procurava-se vencer a falta de apetite dos doentes com vitamina A-D usando sua rica fonte natural, o óleo de fígado de bacalhau. Quase subliminarmente, o óleo de fígado de peixe aparece numa estrofe de "Os Doentes", (1912). Falando das coisas minerais, físicas, além de

mencionar a tosse e a hemoptise, assim expressa-se o poeta:

*Estas por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas, do bacalhau o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!*

Nesta estrofe, a tosse aparece acrescida do sinal expectoração sanguinolenta. O tuberculoso tanto pode demonstrar sua pneumonite pelo escarro sanguinolento como eliminar grande quantidade de sangue vivo - as hemoptises - quando as lesões específicas atingem um vaso de calibre importante, podendo levar o doente ao rápido final.

*As alucinações tácteis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!
(Monólogo de uma Sombra, 1912)*

*Para essas lutas uma vida é pouca
Inda mesmo que os músculos se esforcem;
Os pobres braços do mortal se torcem
E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.
(Queixas noturnas, 1906)*

*E a saliva daqueles infelizes
Inchava em minha boca e de tal arte
Que eu, para não cuspir por toda a parte,
Engolindo, aos poucos, a hemoptises
(Cismas do Destino, 1908)*

Dispneia (falta de ar, dificuldade respiratória) é sintoma comum na tuberculose; a extensão das lesões, a associação com outras patologias, pode levar o tuberculoso à progressiva incapacidade de realizar a hematose. Uma dessas patologias é o pneumotórax, quando, pela comunicação de um brônquio com a cavidade pleural, entra ar nessa cavidade, comprimindo e até anulando o pulmão correspondente. Neste caso, com o ar brônquico, entram também secreções ricas em bactérias, que freqüentemente determinam uma outra complicação: o empiema ou o piopneumotórax.

O Pneumotórax pode também ser induzido pelo médico, injetando ar na cavidade pleural, colabando um dos pulmões, obrigando-o a não respirar. Foi uma das técnicas muito usadas na terapêutica da tuberculose, nos tempos em que a quimio e a antibioticoterapia eram incipientes. Explica-se: o *Micobacterium tuberculosis* é

estritamente aeróbio, não consegue sobreviver sem a presença de oxigênio; pulmão colabado não respira, portanto não contém o oxigênio necessário ao agente da doença.

Vejamos o que diz o poeta:

*Querer dizer a angústia de que é pábulo
E com a respiração já muito fraca
Sentir como que ponta de uma faca,
Cortando as raízes do último vocábulo!
(Os Doentes, 1912)*

*Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão como se, com efeito,
Lhe houvessem sacudido sobre o peito
A máquina pneumática de Bianchi!
(Idem)*

Dores de várias localizações (torácicas, abdominais, ósseas, cefaléias) podem fazer parte do quadro clínico da tuberculose. A tuberculose óssea, por exemplo, é mais freqüente do que se costuma diagnosticar. Costuma instalar-se na coluna (Mal de Pott, atualmente raro) ou nos ossos longos de crianças ou de adultos jovens, resultantes de uma infecção primariamente óssea ou secundária à forma pulmonar. A dor é sintoma freqüente e resulta da periostite contingente à lesão óssea. Lesões na porção distal do fêmur se confundem com a sintomatologia de artrite focal. Vejamos a última estrofe de "Mistérios de um Fósforo" (1910):

*Mas minha crise artrítica não tarda.
Adeus! Que eu vejo, enfim, com a alma vencida,
Na abjeção embriológica da vida
O futuro de cinza que me aguarda!*

O último verso desta estrofe expõe situação psíquica que fornece a tônica da poesia augustiana: pessimismo mórbido, permanente, depressivo.

Dor! Há sonetos com este nome (Dor, 1905 e Hino à Dor, 1914), mais que elegias parecem elogios a ela.

Outra figura belíssima encontramos em "Estrofes Sentidas" (1905):

*"E quando a Dor me dói, tanjo minha a harpa
E a harpa saudosa minha dor exprime!"*

A tuberculose pode assumir uma forma intestinal primária ou, mais comumente, como infecção secundária à forma pulmonar. Além da febre, emagrecimento e dores abdominais, a

diarréia é fenômeno freqüente. No "Eu" aparece no "Monólogo de uma Sombra" (1912):

*"A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos"...*

O tuberculoso não tratado, bacífero, continua sendo fonte de infecção para os que com ele convivem. A transmissão pode ser direta, pelas gotículas de Pflügge (perdigoto) ou por bacilos que ficam em ambiente úmido e sombreado, eliminados pelo hábito de cuspir ou escarrar no chão. Em condições de sombra e umidade, podem sobreviver por semanas no ambiente. Os núcleos de Wells (núcleos secos das gotículas), com diâmetro de até 5 micras e contendo um ou dois bacilos em suspensão, podem atingir os bronquíolos e alvéolos e aí iniciar a multiplicação.

O isolamento dos doentes é uma das medidas a ser tomada, tanto nas residências como nos hospitais com pacientes positivos para o bacilo de Koch.

Claro que tal isolamento traz um desconforto para o doente, que passa a sentir-se discriminado. Em seu poema "Os Doentes" (1912), Augusto escreve:

*"E sentia-se pior que um vagabundo
Microcéfalo vil que a espécie encerra,
Desterrado na sua própria terra,
Diminuído na crônica do mundo!"*

A depressão pode fazer parte de qualquer doença grave; a tísica não é exceção. A obra de Augusto dos Anjos é intrinsecamente depressiva; por isso, o número dos que o abominam pode ser até maior dos que o admiram. Amigos do poeta (Orris Soares e outros) o descrevem como um sujeito esquisito, introspectivo, que teve um relacionamento difícil com a mãe; Augusto teria sofrido muito com um amor não aprovado por ela. À Córdula dos Anjos dedicou o "Eu", mas dentro dele, nem um verso sequer. A seu pai, Alexandre dos Anjos, dedicou quatro poemas expressando a dor sofrida quando sua morte.

No livro já citado, "Augusto dos Anjos e as origens de sua Arte Poética", Dr. Nobre de Mello descreve-o como de temperamento ciclotímico, esquizóide. Exemplos de depressão seriam maiores que o escopo deste trabalho pretende mostrar, vamos escolher alguns:

*E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva.
(Monólogo de Uma Sombra, 1912)*

*Profundissimamente hipocondríaco
Esse ambiente me causa repugnância
(Psicologia de um Vencido, 1909)*

*Eu queria correr, ir para o inferno
Para que, da psiquê no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!
(As Cismas do Destino, 1908)*

*Perfurava-me o peito a áspera pua
Do desânimo negro que me prostra
(Os Doentes, 1912)*

*Para iludir minha desgraça, estudo.
Intimamente sei que não me iludo.
(Poema Negro, 1906)*

*O homem por sobre quem caiu a praga,
Da tristeza do mundo, o homem que é triste
(Eterna Mágua, 1904)*

Tuberculose não tratada - e nos tempos do poeta não havia tratamento eficaz, a sobrevivência ou a cura eram pura loteria - costuma levar seus portadores ao óbito. Conforme trabalho clássico, o doente terminal passa por fases bem definidas na sua relação com a Magra: surpresa (o que? Justo comigo!), revolta (por que eu?), negociação (se eu sarar nunca mais...) e finalmente entrega (a paz interior que precede a morte).

Esparsas na lira do poeta paraibano encontramos evidências dessas fases do doente terminal.

*Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,
Ah! Certamente não podia ser!
(A Obsessão do Sangue, 1904)*

*Ah! Com certeza Deus me castigava!
Por toda a parte como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma força especial que me esperava!
(Cismas do Destino, 1908)*

*A agonia do sol vai ter começo!
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço
Preces a Deus de amor e de respeito
(A Ilha de Cypango, 1904)*

*E Augusto o Hércules o Homem, aos soluços,
Ouvindo a escada e o mar, caiu de bruços
No pandemônio aterrador do Caos!
(O Mar e a Escada, 1909)*

"Pois se eu não amo e se também não creio

*De onde me vem este contentamento,
De onde me vem esta felicidade?!"*
(Soneto, 1905)

*"E aí! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!"*
(Vox victimae, 1914)

Augusto dos Anjos era agnóstico. Sofreu forte influência da escola cientificista - a chamada Escola do Recife, de Tobias Barreto, Silvio Romero, Martins Júnior e outros - e das leituras de Haeckel, Spencer, Nietzsche. Uma fé religiosa teria mitigado em muito o sofrimento do poeta, vislumbrando um mundo melhor, uma vida eterna, um descanso eterno, uma esperança de vencer a morte. Em lugar de um Nirvana, um paraíso como religiões judaico-cristãs apregoam.

Realizei esta pesquisa sob a óptica da semiologia médica, na certeza de que o "Eu - Livro" é fiel representação do "Eu - Poeta", seu modo de sentir a vida, de vencer suas vicissitudes, suas angústias reais ou imaginárias, suas esquisitices, todas colocadas em ritmo e rima. Dentro desta visão, o aparecimento da doença física - a Tísica - com seu cortejo de sintomas e sinais. Parece-me que não há relação entre o aparecimento da moléstia e o versejar de Augusto, como já referi anteriormente. Houve talvez uma premonição revelada na descrição exata - ainda que poética e simbolística - de sintomas e sinais que cabem perfeitamente num diagnóstico clínico de tuberculose.

Para mim, uma oportunidade de lembrar aos leitores, aspectos dessa doença que já deveria estar

erradicada no mundo civilizado. Para concluir, dedicar este desprezioso trabalho ao Professor que me ensinou, pelas aulas - precisas noções de Tisiologia e, pelo exemplo - a luta de ensinar atividades independentes de nossa idade cronológica. Refiro-me ao Professor-doutor José Rosemberg, aos 92 anos, ainda ensinando estratégias para vencer a tuberculose e combatendo o bom combate da luta contra o tabagismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Anjos A. Eu e outras poesias. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bedeschi; s.d.
2. Anjos A. Eu e outras poesias. 16ª ed. s.l.p.: s.e.; 1948.
3. Anjos A. Eu e outras poesias. Martins Fontes; 1994.
4. Nobre de Melo AL. Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética. Livraria José Olympio; 1942.
5. Soares O. Elogio de Augusto dos Anjos. In: Anjos A. Eu e outras poesias. 16ª ed. s.l.p.: s.e.; 1948.
6. Ministério da Saúde. Controle da tuberculose: uma proposta de integração ensino-serviço. 4ª ed. Brasília: CNCT/NUTES; 1994.
7. Rosemberg J. Tuberculose aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação. Bol Pneumol Sanit 1999; 7(2).
8. Rosemberg J. Tratamento da tuberculose quando não havia tratamento. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba 2000; 2(2):
9. Steffen E. As cores da peste A peste branca I. Jornal Cruzeiro do Sul (Sorocaba) 1998set13; p.11.
10. Steffen E. As cores da peste A peste branca II. Jornal Cruzeiro do Sul (Sorocaba) 1998set13; p.5.
11. Reis ZC. Augusto dos Anjos: poesia e prosa. São Paulo: Ática; 1977. (Coleção Ensaio, 32)
12. Almeida H. Jornal de poesia. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia>.(2002).
13. Martins Filho A. Jornal de poesia. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia>. (2002).

As opiniões expressas nesta sessão representam o ponto de vista de seus Autores e não, necessariamente, o da Revista.